

JOANA D'ARC: UMA MULHER ENTRE A HAGIOGRAFIA E A HISTÓRIA.

Millena do Nascimento Insfran¹

RESUMO: Este trabalho aborda a ressignificação de Joana d'Arc, explorando sua trajetória de "bruxa" a "santa" no contexto da Igreja Católica. Inicialmente julgada e executada como herege, Joana d'Arc foi reavaliada e canonizada séculos depois, exaltada como símbolo de fé e patriotismo. O estudo analisa os fatores históricos, sociais e religiosos que contribuíram para essa transformação de imagem, investigando documentos inquisitoriais e o processo de canonização. A pesquisa revela como as interpretações religiosas e políticas moldaram a figura de Joana d'Arc ao longo do tempo, refletindo as mudanças nos valores da Igreja e da sociedade.

Palavras-chave: Joana d'Arc; ressignificação; Igreja Católica; bruxa; santa.

ABSTRACT: This paper addresses the re-signification of Joan of Arc, exploring her trajectory from "witch" to "saint" in the context of the Catholic Church. Initially judged and executed as a heretic, Joan of Arc was re-evaluated and canonized centuries later, exalted as a symbol of faith and patriotism. The study analyzes the historical, social, and religious factors that contributed to this transformation of her image, investigating inquisitorial documents and the canonization process. The research reveals how religious and political interpretations shaped Joan of Arc's figure over time, reflecting changes in the values of both the Church and society.

Keywords: Joan of Arc; re-signification; Catholic Church; witch; saint.

¹ Acadêmica do curso de História Licenciatura pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul.

1. INTRODUÇÃO

A vida de Joana D'Arc foi profundamente marcada pela presença de vozes celestiais e pelo auxílio divino, desde os primeiros momentos de sua existência até a sua morte. Esse fato é de extrema relevância, principalmente quando se considera o contexto da sociedade feudal que dominava a Baixa Idade Média, período em que Joana viveu. Além disso, é importante destacar que, na visão da época, a comunicação das vozes celestiais com Joana era algo improvável, principalmente devido à condição social em que ela e sua família se encontravam, uma perspectiva que era amplamente aceita na chamada "Idade das Trevas".

Filha dos camponeses Isabelle Romée e Jacques D'Arc, Joana teve seus pais como personagens de extrema importância em sua trajetória até a libertação da França dos ingleses. Em *Joana D'Arc, Rainha, Virgem e Mártir*, Marie de La Sagesse Sequeiros descreve detalhadamente o processo existencial da jovem, desde seu nascimento na cidade de Domrémy até sua captura em Compiègne, onde se tornou prisioneira de guerra. A obra também revela como Joana se relacionava com as vozes celestiais que ouvia, além de abordar sua participação na libertação de Orléans, na coroação do rei Carlos VII em Reims e como fora seu intenso julgamento que culminaria em sua morte na fogueira.

Ao estudar Joana D'Arc no século XXI, tem-se plena certeza de que, embora ela seja uma das figuras mais documentadas do século XV, ainda são necessários inúmeros estudos para compreender completamente a vida dessa jovem que foi considerada santa. Como bem destacou Colette Beaune, “Joana d'Arc é provavelmente, a figura de mulher mais documentada de toda a História.”² Dessa forma, os estudos sobre a Pucelle³ tornaram-se amplamente reconhecidos em todo o mundo, desde a sua morte em 1431, quando foi queimada na fogueira, até os dias atuais.

Para compreender um pouco mais sobre o momento em que Joana surge na sociedade francesa como libertadora dos ingleses, é necessário analisar o contexto anterior. O período que antecede sua graça foi historicamente denominado como a Guerra dos Cem anos, que durou de 1337 a 1453, cerca de 20 anos após sua morte. Apesar de ter se estendido por mais de um século, a guerra não foi contínua, mas sim marcada por uma série de batalhas intercaladas, muitas delas envolvendo a defesa do trono francês.

² *Jeanne d'Arc, vérités et légendes*, Paris, Ed. Perrin, 2018, p.16.

³ *Pucelle*: substantivo feminino: Virgem, donzela. Etimologia (origem da palavra pucela), do francês pucelle.

Um dos principais motivos para tão perpétuo tempo de devastação foi o anseio dos ingleses de anexar territórios na França, aliado à morte do Rei Carlos IV, em 1328, que não deixou um sucessor próximo para assumir o trono. Com isso, a vaga de rei da França foi reivindicada por Eduardo III, rei da Inglaterra, que era neto de Filipe, o Belo⁴, monarca francês, usando o longo grau de parentesco como justificativa para buscar a anexação do reino da França ao território inglês.

Embora tal reivindicação fosse politicamente controversa, há 200 anos, essa negação era ainda mais acentuada. No entanto, a busca pela dominação do comércio francês em expansão e pela economia dos Flandres — uma região conhecida por sua indústria têxtil, que lucrava com o comércio de lã —, tornava a ideia de anexar a França muito atraente para a Inglaterra. (HIGA, Carlos César. *Guerra dos Cem Anos*. 2024). Deve-se levar em conta que a história da então pequena camponesa começa a ser destacada a partir do Quarto Período da Guerra dos Cem Anos (1422-1453), no qual possui participação efetiva ao libertar os franceses e, mesmo após a sua morte, a monarquia se vê livre dos abusos ingleses.

Sobre o presente trabalho, busca-se que a história inesgotável de Joana D'Arc seja mais elaborada a partir do processo de santificação, levando em conta a trajetória da Donzela. O processo de canonização de Joana D'Arc, iniciado séculos após sua morte, reflete a complexa relação entre política, religião e identidade nacional, que será abordada historicamente nessa dissertação. Beatificada em 1909 e canonizada em 1920 pelo Papa Bento XV, Joana se tornou um dos santos mais reverenciados da Igreja Católica, representando não apenas a devoção religiosa, mas também o espírito de resistência e um dos símbolos nacionalismo francês.

Assim, este trabalho tem como objetivo explorar os aspectos multifacetados da santificação da Pucelle através de uma abordagem interdisciplinar, buscando compreender como uma jovem camponesa transformou-se em santa pela mesma igreja que a condenou à fogueira. O estudo abordará os contextos histórico e teológico de sua canonização e a análise dos processos eclesiásticos envolvidos.

Quando se aborda um tema que envolve guerra, Igreja e a história feminina, é natural que muitas contradições possam aparecer devido às dificuldades sociais que a mulher sempre enfrentou na sociedade. Por isso, ao se analisar a história de Joana D'arc, o trabalho

⁴ Foi o nono rei da dinastia dos Capetíngios.

"A ressignificação historiográfica da Pucelle", de Flávia Aparecida Amaral, torna-se extremamente essencial ao abordar, principalmente, como a historiografia francesa se comportava na primeira metade do século XIX. Além disso, autores como Colette Beaune mostram claramente as fontes e a cronologia da vida de Joana, o que favorece a comprovação dos fatos que serão analisados no presente trabalho.

Mesmo que outros autores ainda possam ser citados, a atenção especial deve ser dada à supracitada Marie De La Sagesse Sequeiros e sua obra "Joana D'Arc, Rainha, Virgem e Mártir", livro que conta com a contribuição de outros autores que dialogam com o tema deste trabalho. Na obra, é possível identificar toda a vida de Joana e a busca de concretizar o que as vozes celestes lhe haviam dito, além de colocar em análise histórica o processo da Igreja Católica na mudança do júri que a condenou à morte para um júri que a santificou.

Para a realização da presente pesquisa, o manuseio foi feito por meio das seguintes bases de dados: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações; Catálogo de Teses e Dissertações; Google Acadêmico; Acervo do Vaticano; Editora Minha Biblioteca Católica; e autores como Ir. Marie De La Sagesse Sequeiros; Régine Pernoud, historiadora francesa, conhecida por suas obras sobre Joana d'Arc, como *Joana d'Arc: A Vida de uma Mulher* (originalmente *Jeanne d'Arc: sa vie, son procès, sa mort*); Marina Warner, autora e crítica cultural, que escreveu sobre a figura de Joana d'Arc em *Joan of Arc: The Image of Female Heroism*. Warner analisa a imagem de Joana ao longo da história e sua importância como ícone feminino; Mireille Calmel, escritora e historiadora, autora de livros como *Joana d'Arc: A Voz do Destino*, que explora a vida e o legado de Joana d'Arc, bem como sua representação no imaginário coletivo; Gérard P. Launay, especialista na história da Igreja, que aborda a canonização de Joana d'Arc e o seu impacto no catolicismo em obras como *Joana d'Arc: Um Estudo Teológico e Histórico*; Catherine O'Leary, pesquisadora que analisa o papel de Joana d'Arc em *Joan of Arc: A New History*, destacando a sua representatividade feminina e a relevância de sua santificação; David H. Jones, historiador e autor de *The Last Battle of Joan of Arc*, que examina a vida de Joana e sua importância no contexto da Igreja e da sociedade.

Esses autores escolhidos oferecem uma ampla variedade de perspectivas sobre Joana d'Arc, sua representação como mulher e os aspectos de seu processo de santificação na Igreja Católica. A partir dos dados obtidos, podemos afirmar que o campo de estudo no qual

está inserido a pesquisa é a História de Joana D’Arc no processo de santificação, a História da Guerra dos Cem anos e o diálogo com os fatos que levaram à tomada de decisão da Igreja, enquanto instituição, a mudar a concepção de considerar uma bruxa, como santa.

CONTEXTUALIZAÇÃO DE JOANA D’ARC EM SEU MOMENTO HISTÓRICO

Em 6 de janeiro de 1412, nasce em Domrémy⁵, na França, Jeannette. Conhecida mundialmente hoje como Joana d’Arc, foi uma das figuras (se não a mais) importantes no papel que desempenhou durante a Guerra dos Cem anos, um conflito prolongado entre a França e a Inglaterra, que durou de 1337 a 1453. A jovem era a quarta de cinco filhos⁶ e possuía, como era de costume em uma aldeia pequena da era medieval, pais humildes, de nome Tiago d’Arc e Isabel Romée. Marques de La Franquerie (1988), cita que mesmo na simplicidade e pobreza material, "Deus quis que no nascimento de Joana – como no de seu divino Filho – até a terra pulasse de alegria pela chegada da libertadora."

A história de Joana começa neste mesmo vilarejo, e seu apogeu de significado histórico inicia-se por volta de seus 13 anos quando começou a ouvir vozes. A própria jovem afirma com suas palavras o seguinte trecho:

Quando tinha treze anos, ouvi a voz de Deus. A primeira vez que ouvi tive muito medo. Essa voz veio por volta do meio-dia, no verão, no jardim do meu pai. E eu não tinha jejuado no dia anterior. Escutei-a como se viesse do lado direito da igreja, vendo um clarão que vinha do mesmo lado que ela⁷.

A vida oculta de Joana foi mantida em segredo devido a humildade de sua família, que sempre foi cercada de trabalho e idas à Igreja Católica, religião predominante na Idade Média. Por isso, os registros sobre a vida da jovem englobam, em sua grande maioria, trechos documentados que saíram de testemunhos de vizinhos, amigos, padres e freiras, que serão tratados como fontes históricas nesta pesquisa.

Para compreender como Joana d’Arc se tornou a mulher e figura mais documentada da história, é necessário ir mais a fundo no contexto em que vivera e a popularidade que adquiriu. Já é sabido que manteve uma vida discreta até os 13 anos, mas é fundamental se debruçar sobre o papel da mulher na sociedade medieval. A França do século XV vivia uma

⁵ Pequena aldeia no nordeste da França

⁶ Joaquim, João, Pedro e Catarina.

⁷ Processo de Condenação, em R. Brasillach, *op.cit.*, p. 37.

grande divisão interna, resultado de acontecimentos significativos que marcaram o final do século XIV e o início do século XV, como a Peste Negra (1346-1353) e a Batalha de Agincourt (1415), que sucedeu o apogeu da Guerra dos Cem Anos, prolongada até 1453. Combinando todos esses eventos, como consequência, a França enfrentava problemas como fome, agricultura perdida devido à Guerra, e rebeliões dos camponeses que, mesmo sem terem o que comer, precisavam pagar altos impostos para o Rei.

Durante esse período de caos francês, o papel da mulher na sociedade francesa passara por várias modificações dentro de uma mesma estrutura patriarcal. Tendo a vida, religião e casamento definidos pela família, era quase impossível uma mulher do século XV manter funções que fossem de bom grado para a realidade francesa que não envolvesse os trabalhos domésticos. Embora algumas mulheres tivessem maior apoio maior devido à sua classe social, ainda assim estavam sujeitas às leis e costumes que privilegiavam a figura masculina.

A superioridade masculina na época era tão presente que até mesmo mulheres viúvas acabavam tendo suas vidas e escolhas regidas por outro membro homem da família. Assim, a escolha de muitas mulheres pelo convento na França do século XV é discutida no livro *Medieval Women: A Social History of Women in England 450-1500*, de Henrietta Leyser. Embora o foco do livro seja na Inglaterra, o cenário medieval europeu era frequentemente similar, uma vez que muitos conventos estavam localizados fora dos países de origem, funcionando como uma forma de exílio religioso. Sobre isso, Leyser (1995) escreve: “Para muitas mulheres, o convento oferecia uma alternativa atrativa do casamento, providenciando um espaço de educação, autonomia e espiritualidade cheia, em contrapartida da vida secundária.”

Essa citação evidencia o papel da mulher na sociedade e a atração que a vida monástica exerceu em comparação com a vida doméstica e o casamento, oferecendo uma relativa liberdade e, em alguns casos, acesso à educação. No contexto francês, isso se apresentou principalmente como uma forma de escapar dos casamentos arranjados, que eram comuns na época. Dentro desse pensamento de superioridade masculina, que hoje entendemos como misoginia, e do papel da mulher na sociedade, Joana d’Arc se destaca justamente por romper com o comum.

Sendo uma jovem camponesa pobre, Joana adquiriu forças do céu e auxílio das vozes celestes para combater a França dos Ingleses, antes mesmo de saber montar em um cavalo. Porém, ao adentrarmos no contexto do exército de Joana, das forças que ela reuniu e da libertação francesa, é necessário entender como foi o caminho da Pucelle até o Rei da França e as adversidades que encontrou durante o percurso, pois como já mencionado, não era fácil ser uma mulher no século XV.

O CAMINHO PERCORRIDO ATÉ O REI

Para construir o percurso e a mitologia em torno de Joana, é necessário ter em mente que a jovem estava constantemente amparada pela ajuda divina, um fato que ela mesma lembrava a todo momento, seja ao pisar em alguma cidade ou nas conversas que mantinha com algum superior do exército francês. “São Miguel me disse que Santa Catarina e Santa Margarida viriam me ver e que eu deveria seguir seus conselhos. Que elas haviam recebido ordem de me orientar e aconselhar, que eu deveria acreditar nelas, e que tudo isso havia sido ordenado por Nosso Senhor”⁸.

Ao ter sido escolhida para essa missão, G. Bouillé afirma que “Deus escolheu uma humilde e iletrada pucelle, a qual não tinha nenhum poder ou conhecimento, para que o milagre divino se manifestasse claramente”⁹, reforçando mais uma vez que Joana não foi escolhida à toa ou por um acaso, mas sim pela vontade de Deus, queira o Rei acreditasse ou não. Era dessa maneira também, que Joana se comportava: cheia de uma confiança inabalável, que a fez chegar longe, pois a cada momento que estava desamparada pelos homens, era amparada por Deus e sabia que sua missão ainda não tinha acabado até libertar a França da Inglaterra.

Por ser uma menina normal do século XV, Joana foi prometida em casamento por seu pai a um jovem de nome desconhecido historicamente, como forma de união matrimonial. Entretanto, a jovem se recusou e procurou o Bispo Dom Henrique de Ville, pedindo que anulasse o compromisso, alegando que somente Jesus seria seu esposo. O bispo, surpreendentemente, acatou o pedido e o planejamento do casamento foi anulado. Sendo uma jovem solteira na sociedade, mas casada com Jesus Cristo perante à Fé, Joana

⁸ Processo de Condenação, em Pe. O. Riolt, *op.cit.*, p.51

⁹ Anne- Flore Schapp, *La volonté chez Jeanne d'Arc*, Institut Albert Le Grand Colloque, 2009, p.24.

começa a entender mais sobre o que as vozes pedem e como deveria sair da casa de seus pais.

Por ser obediente, a historiografia relata que Joana comunicou a seus pais sobre sua missão, mas que ainda temia que seu pai, Tiago d'Arc, a proibisse de ir para a batalha. Em contrapartida, Tiago teve sonhos nos quais via sua filha sendo levada de casa, acompanhada de soldados que lutavam contra os ingleses, e não retornava mais ao pequeno vilarejo de Domrémy. Esses sonhos ajudaram a Pucelle a enfrentar menos empecilhos em seu caminho para falar com o Rei, tendo em vista que pecar estava fora de cogitação para ela e desonrar pai e mãe contrariava os Dez Mandamentos de Deus. Assim, ela pôde se manter santa durante o grande percurso que enfrentaria nos anos seguintes.

Com a benção dos pais para sair de casa, Joana começa a organizar sua partida. A visita de seu tio, Durand Laxart, fez com que o caminho começasse a se abrir. O pedido inesperado de Laxart foi que Joana ajudasse sua esposa a dar à luz seu pequeno primo. Concedida permissão para sair de casa e ir ajudar o tio, ele narra que Joana mencionou seu desejo de conhecer Paris e presenciar a coroação do Delfim¹⁰. “Ela disse que viera comigo para poder falar com Roberto de Baudricourt, para que a conduzisse até o lugar onde estava o Delfim”¹¹.

Roberto de Baudricourt foi um nobre francês e capitão militar, senhor de Baudricourt, uma região na Lorena, e comandante da cidade de Vaucouleurs, uma posição militar estratégica na França durante a Guerra dos Cem Anos. Como era de se esperar, ao avistar uma mulher pedindo reforços, homens e permissão para ir ver o delfim, Roberto de Baudricourt inicialmente negou, mandando-a voltar para casa três vezes. Após muita insistência e ao perceber a coragem da menina, ele finalmente cedeu, em janeiro de 1429, e forneceu-lhe uma pequena escolta para acompanhá-la até a corte do Delfim em Chinon. Esse apoio inicial foi crucial para que Joana pudesse levar sua missão adiante.

Em mais um passo na sua caminhada, Joana foi negada três vezes ao chegar em Chinon. Isso ocorreu porque a própria França política, na corte do Príncipe Carlos, estava dividida. Contra Joana estavam Jorge de la Trémoille, conselheiro e favorito do Delfim, e Reinado de Chartres, arcebispo de Reims e grão-chanceler da França, figuras que iriam trair

¹⁰ Filho primogênito do rei que tem como herança o trono real.

¹¹ Processo de Reabilitação, testemunho de Durando Laxart, em R. Pernoud, *op.cit* (1962), p.34

Joana diversas vezes ao longo da história até entregá-la aos borguinhões em Compiègne. Entretanto, ao seu favor estavam a Rainha Iolanda da Sicília, sogra de Carlos, e Margarida de Anjou, esposa do Delfim. Mesmo sendo figuras de suma importância na Corte, eram mulheres; ou seja, seu apoio e consideração sobre Joana não significavam tanto quanto os de seus opositores, que faziam parte da política interna do governo do Delfim.

Levando em consideração seus homens Jorge de la Trémoille e Reinado de Chartres, o Delfim colocou Joana à prova para verificar se ela realmente era a enviada de Deus. Ele então se escondeu em uma sala e disfarçou seu primo, o conde de Clermont, como se fosse o verdadeiro príncipe. Agindo como manda a tradição da época, o primo sentou no trono de Delfim, em um salão cheio de pessoas da alta sociedade, e assim que Joana entrou, o Delfim verdadeiro estava no ambiente, observando tudo.

Ao ser levada aos pés do conde que dizia ser o príncipe, Joana não o reconheceu e pediu para que fosse apresentada ao verdadeiro príncipe. Ouvindo isso mais uma vez, a corte mandou um escudeiro a frente para fingir ser o então delfim, Joana novamente negou a identidade e, ao perceber algo incomum, o príncipe saiu de seu esconderijo e pôs se a camuflar em meio aos cortesãos. Ao vê-lo, Joana fez as devidas reverências, saudando-o com as palavras: “Que Deus vos dê vida, gentil rei”¹². Ainda negando, o delfim disse que não era ele, mas repetidamente Joana o saudava. A partir desse momento, o príncipe começou a acreditar que Joana poderia realmente ser enviada do alto, pois, mesmo sem nunca tê-lo visto, ela sabia exatamente quem ele era.

Nesse encontro, Joana revela sua missão a quem realmente importava, reafirmando a identidade do delfim como príncipe legítimo e único herdeiro do trono. Ao contar sobre sua vocação, Joana se dirige educadamente a ele, dizendo: “Gentil Delfim, eu sou Joana, sou a Pucelle, e o Rei do Céus ordena que, tendo-me por meio e instrumento, sejais consagrado e coroado na cidade de Reims, como representante do Rei dos Céus, que é o Rei da França”¹³. Mesmo assim, o delfim ordena que a levem para a Torre de Coudray para que ela possa ser interrogada com mais segurança.

¹² “Chronique de Jean Chartier”, em *ibid.*, p.24. Nessa crônica não foi encontrada a diferenciação que Joana fazia entre “rei” e “delfim”, antes e depois da consagração.

¹³ R. Pernpund, *op.cit.* (1962), p.57.

Com o passar das interrogações que resultavam sempre em respostas de “É ao Delfim que devo falar, e só a ele contarei tudo”¹⁴, Joana resolve tocar mais a fundo na legitimidade do príncipe, colocando-o várias vezes como herdeiro legítimo do trono, tendo em vista de que a mãe de Carlos, a então regente Isabela, havia declarado publicamente que ele era um bastardo. Ao confrontar o delfim com essas questões que afetavam sentimentalmente o reinado dele, Carlos começa a ter conversas mais privadas com Joana, com o objetivo de entender melhor o que ela realmente sabia.

A confiança plena em Pucelle veio a partir de revelações que ela mesmo comunicou a ele: “E se eu disser quais são esses três pedidos que realizaste, acreditais em minhas palavras?”¹⁵. Os pedidos que o delfim fizera a Deus, envolviam saber a legitimidade do trono real francês, o motivo da França estar devastada e se poderia o príncipe, ter pecado para ter trazido toda essa vergonha ao reino de Deus. Dessa maneira, uma das testemunhas¹⁶ narra que Carlos saiu da conversa com Joana radiante, acreditando que ela era realmente uma criatura celestial, pois ela havia revelado segredos que apenas Deus poderia saber.

Dessa forma, o caminho de Joana começa a ganhar forma para cumprir sua missão. A partir desse dia em diante, ela começa a ser hospedada em uma das torres do castelo do Delfim. No entanto, a confiança em Joana não era universalmente compartilhada por Carlos. Embora o delfim estivesse emocionalmente a favor de Joana, sua opinião era compartilhada apenas por alguns de seus conselheiros, enquanto outros discordavam e planejavam novos exames para afastar qualquer suspeita de feitiçaria ou condená-la.

Mesmo que Carlos estivesse sentimentalmente a favor de Joana, era claro que a análise da veracidade da Pucelle precisava ocorrer. Isso porque, ao confiar em uma camponesa iletrada, o reino francês poderia ser amplamente destruído. Mesmo que Joana tivesse revelado os pedidos e orações íntimas do Delfim com Deus, a mentalidade medieval favorecia a ideia de que ela poderia estar ligada a práticas ocultas ou ao Maligno, em vez de ser a libertadora da França.

No primeiro exame em que foi submetida de maneira informal, Joana é colocada em observação e entrevista por Luís de Coutes – um de seus futuros pajens. Com apenas 16 anos, o jovem narra que “Ao mesmo tempo, muitas vezes vi Joana ajoelhada e, parece-me,

¹⁴ *Ibid.*, p.207

¹⁵ A.L.M. de La Franquerie, *op.cit.*, pp.21-22

¹⁶ Processo de Reabilitação, testemunho de Simão Carlos, em R. Pernoud, *op.cit* (1953), p.103.

rezando; eu não conseguia entender o que ela estava dizendo, e às vezes ela chorava”¹⁷. Com base nessa narrativa superficial que Luís entregava ao Delfim, foi decidido enviar Joana a Poitiers para ser examinada mais uma vez.

Ao receber do rei o pedido para dar um parecer sobre Pucelle, Jean Gerson torna-se a melhor opção. O grande teólogo e ex-reitor da Universidade de Paris, era considerado como um especialista em casos de bruxaria, além de ter sido autor de diversos tratados contra a idolatria, magia, a falsa astrologia e a superstição¹⁸. Entretanto, Gerson foi, desde o início, um defensor público de Joana d’Arc, o que não agradou muito aos conselheiros do rei. Gerson inclusive chega a publicar em livreto que fora divulgado na França e na Itália, intitulado “Sobre o triunfo admirável de uma donzela, que passou de cuidadora de rebanhos a comandante do exército do rei da França na guerra contra os ingleses”¹⁹. Embora Gerson fosse um especialista de renome, sua defesa de Joana não foi suficiente para encerrar o caso, e a história de Joana continuou, dando início a uma série de processos inquisitórios, logo após esse segundo exame realizado.

OS PROCESSOS INQUISITÓRIOS E A LARGADA DE JOANA PARA A CONDENAÇÃO

Ao ordenar que se formasse um tribunal inquisitorial *ad hoc*²⁰ para assessorá-lo, Delfim coloca um dos maiores inimigos de Joana, o arcebispo de Reims, Reinaldo de Chartres como juiz deste processo. Ao pedir conselho maior, o arcebispo nomeia como principal conselheiro, João Jouvenel des Ursins. Considerado como “um dos que duvidava dela”²¹ é construído um júri em que havia mais negações para a autenticidade de Joana, do que para um júri pautado verdadeiramente na justiça, o processo se torna bem mais perigoso para a missão da Pucelle.

Os poucos dados que se tem a respeito deste primeiro julgamento em Poitiers são suficientes para se verificar que embora a grande maioria fosse contra Joana, ainda se encontrava um número suficiente de doutores e intelectuais do momento. Assim, Francisco Garivel, conselheiro real, afirma:

¹⁷ Processo de Reabilitação, testemunho de Luís Coutes em Pe. O. Rioult, *op. cit.*, p.87.

¹⁸ McGuire, Brian Patrick. Jean Gerson and the Last Medieval Reformation. Pennsylvania: Pennsylvania State University Press, 2005.

¹⁹ R.Pernound e M.V. Clin, *op. cit.* (1986), pp. 308-309.

²⁰ Isto é, para este fim em específico. (N.E.)

²¹ H.Belloc, *op.cit.* (1945), p.35.

Foram convocados, por ordem do rei, os solenes doutores e magistrados: Pedro de Versalhes, então abade de Talmont e depois bispo de Meaux; João Lambert, Guilherme Aimeri, da Ordem dos Pregadores, Pedro Turelure, doutor em Sagrada Escritura da Ordem dos Carmelitas, e muitos outros conselheiros do rei, graduados em direito civil e direito canônico, que repetidamente, por cerca de três semanas, examinaram Joana.²²

Ao ser analisada a citação acima, que se refere à banca de júri, fica evidenciado que, embora a ação tenha sido conduzida pela Igreja Católica do século XV, ainda era necessário contar com intelectuais e estudiosos que pudessem examinar a situação de uma maneira mais imparcial. Não se pode esquecer que, embora Joana d'Arc seja hoje em dia considerada Santa e um símbolo do povo francês, em 1429 ela era vista como uma ameaça, não apenas religiosa, mas principalmente política. "A presença de Joana nos campos de batalha e sua relação próxima com o rei geraram desconfiança entre os nobres, que a consideravam uma influência imprudente e até perigosa" (HARRISON, 1998, p. 62).

No que se pode finalizar esse primeiro processo contra a Pucelle, os registros provenientes do testemunho de João Barbin estão inteiramente ligados a questões como “a finalidade da sua missão; as suas vozes; as suas visões, as suas roupas e a sua virgindade; e também a sua reputação”²³. A condenação de Joana foi, em muitas ocasiões, formalizada pelo que Pierre Bourdieu chama de “Ilusão da Neutralidade”. O autor, em *Usos e abusos da história oral* (2008, p. 183), destaca que "a coleta de testemunhos orais muitas vezes passa uma impressão ilusória de neutralidade e autenticidade”. Ele argumenta que os depoimentos não são puros ou objetivos, mas sim influenciados pelas condições sociais, psicológicas e econômicas em que são dados.

Assim, dentro do âmbito do julgamento de Joana, mesmo que ela falasse a verdade, e somente a verdade, ainda assim, no momento em que suas palavras eram registradas, elas poderiam ser alteradas conforme o desejo do juiz ou do Rei, como, de fato, ocorreu na maioria das vezes. Além disso, Joana enfrentava intelectuais em julgamento que buscavam não apenas defendê-la, mas julgá-la. Um exemplo claro é a fala de Tiago Gélu, um importante teólogo e arcebispo de Embrun:

²² R.Pernoud, *op. cit.* (1962), p. 59.

²³ Processo de Reabilitação, testemunho de João Barbin, em Pe. O. Riuoult, *op.cit.*, p.91

Não devemos facilmente crer nas palavras de uma mocinha, camponesa, crescida no meio do nada, do sexo frágil e tão suscetível a devaneios; também há o risco de fazermos papel de ridículo diante das nações estrangeiras, pois nós franceses já somos difamados por conta da nossa natural facilidade em sermos enganados.²⁴

Essa fala ilustra perfeitamente o que Joana sofreu: além de ser vista como uma jovem indefesa, a necessidade de proteger a França politicamente diante do cenário internacional ficava clara, excluindo totalmente a possibilidade de uma presença feminina no lugar de um homem como o Rei ou algum conselheiro real. Isso fez com que a Pucelle tivesse mais batalhas para serem enfrentadas dentro do júri tribunal, do que no campo sangrento da Guerra dos Cem Anos, Mesmo assim, em várias ocasiões durante as juntas de julgamento, Joana afirmava que sua missão não envolvia realizar sinais ou ocupar cargos clericais, como se pode observar nos trechos encontrados nos processos de inquisição e reabilitação:

G: Aimeri: “Podes dar algum sinal, ou pensas que podemos arriscar vidas humanas apenas sob tua palavra?”

Joana: “Em nome de Deus! Eu não vim a Poitiers para realizar sinais. Mas levai-me a Orleans. Que me sejam dados homens, na quantidade considerada necessária, e o sinal que vos mostrarei será Orleans resgatada e o cerco levantado.”²⁵

Liberada do primeiro processo que sofrera, Joana responde às indagações dos júris de maneira sábia, graciosa e, principalmente, inocente. Por isso, foi unânime a decisão de desconsiderar a ideia de que ela teria recorrido à feitiçaria, reconhecendo-a como uma jovem enviada do Alto. Essa liberação torna o segundo e mais importante julgamento ainda mais difícil de entender e analisar, pois é com base nos mesmos argumentos e motivos que Joana foi considerada pelos anglo-borguinhões uma arma do Diabo. A partir desse momento de liberação judicial, a vida pública de Joana começa a tomar forma. Inicialmente conhecida apenas em seu vilarejo e por alguns conselheiros do Delfim Carlos, ela se tornaria, em três anos, um símbolo de graça, e sua missão duraria o mesmo período que o de Jesus Cristo, uma demonstração ainda mais forte da providência divina.

Além disso, ao sair do primeiro processo, Joana se torna ainda mais confiante no auxílio de Deus, São Miguel e as Santas Catarina e Margarida, santas que a acompanhavam

²⁴ R. Pernud e M. – V. Clin, *op.cit.* (1986), p.305.

²⁵ Em R. Pernoud, *op.cit.* (1962), p. 60.

através das vozes celestes que relatava ouvir. Isso mostra-se em evidência ainda maior quando a Pucelle sugeriu ao Delfim que:

embora seja eu nada mais que uma pobre camponesa, sou eu quem vos há de fornecer os meios, que me foram divinamente ensinados, para expulsar vossos inimigos para fora das fronteiras e colocar em vossa cabeça a coroa da França. Dai-me soldados e confiai: saberei como usá-los.²⁶

Essa confiança inabalável que possuía, foi por muitas vezes vista como motivo de rebeldia para os conselheiros e bispos que ainda procuravam incriminá-la através de suas vestes masculinas, sua inteligência militar ou sua aceitação social.

Ao que desrespeito sobre as práticas na guerra, pode-se afirmar que Pucelle era verdadeiramente, uma excelente comandante militar. Segundo Michelet (2013, p. 112), “Joana d'Arc não era apenas uma visionária, mas também uma comandante de grande competência, conduzindo suas tropas com coragem e inspirando-os na batalha”. Isso dá provas inegáveis da ciência infusa que a iluminava, pois nunca negou ser uma humilde camponesa do interior da França. A virgindade de Joana ao entorno de sua tropa masculina, também começa a ser construída nesse contexto de batalha, tendo em vista de que sua maior preocupação era o bem estar e o estado de graça de seus companheiros soldados, como afirma o Conde de Dunois:

“Quanto às virtudes e seu comportamento entre os homens, nenhum ser vivo a superava em sobriedade (...) Eu e outros, quando em sua presença, não tínhamos vontade ou desejo de nos aproximar ou de estar em companhia de mulher alguma. E isso me parece algo quase divino”²⁷

No caminho que fizera após a decisão do Delfim de ceder-lhe os melhores homens e ter recomendado algo imperioso “Nada sejas feito sem que se consulte a Pucelle, embora existam capitães bons e suficientes”²⁸. Assim, Joana monta em um cavalo branco, com armadura, espada e estandarte na mão e se dirige a Orleans, como esperado anteriormente. Entre os meses de março a maio de 1429, Joana lidera as tropas e exerce com êxito a missão que veio a realizar na terra: libertar o povo francês dos domínios e usuras dos ingleses. E

²⁶ Tenente -Coronel Xavier Barthet, “Le génie militaire de saint Jeanne d’Arc”, em *Le sel de le terre, op.cit.*, p.178.

²⁷ Processo de Reabilitação, testemunho de João de Orleans, em R. Pernoud, *op.cit.* (1953), p. 137.

²⁸ Processo de Condenação, em R. Brasillach, *op. cit.*, p.122.

ainda nesse meio vitorioso que ela consegue exercer, um grande desfecho com dois lados da moeda ocorre: A coroação do Delfim para então Rei Carlos VII.

A coroação de Carlos VII não foi, de fato, o início concreto da morte de Joana, mas sim o ponto de maior tensão entre a França e a Inglaterra. Para os ingleses, a coroação consolidava Carlos como o legítimo rei e Henrique VI como um usurpador estrangeiro, além de anular o Tratado de Troyes, que, segundo Malcolm Vale, "o Tratado de Troyes buscava formalizar a aliança entre os dois reinos, garantindo a sucessão inglesa na França" (1990, p. 210). Em contrapartida, é claro que a ascensão de um novo rei acabava por representar uma união interna e verdadeira ressurreição, tanto política quanto espiritual.

A CAMINHO DO CALVÁRIO

É nesse contexto, de uma nova monarquia constituinte na França, que o rei Carlos VII se vê na obrigação de um pacto com o lado oposto. O rei concordou em negociações secretas com os borguinhões, pensando que dessa maneira poderia recuperar territórios, além de negar ajuda à campanha militar de Joana, conseguindo assim dissolver o exército de consagração que a jovem liderava.

No intuito de ser construído a imagem religiosa e as ligações com a Igreja Católica, religião predominante na idade média, alguns autores observavam o paralelo entre o momento radiante que Joana tivera anteriormente, de vitória e de confiança da parte do rei, ao momento em que Jesus está no monte Tabor, e em poucos dias depois, é crucificado. Assim como Joana é levada para um novo e final julgamento²⁹. Um dos maiores erros do Rei nesse primeiro instante, é voltar-se aos antigos favoritos, João de La Trémoille e Reinaldo de Chartres, conselheiros que o influenciavam a negociar a paz a qualquer custo e principalmente a moedas que poderiam trocar Joana por um reino mais rico.

Sem o apoio pleno do Rei e com o exército fragilizado, a derrota estava mais do que certa. De pouco a pouco, a política de Carlos VII distanciava-se das intenções da Pucelle, deixando com que a Donzela realizasse apenas pequenas operações militares a pedido do conselho real. Com isso, o caminho da Guerra que estava na mão dos franceses, passa a estar do lado oposto, e com derrotas maiores do que as que pensamentos humanos pudessem

²⁹ Essa analogia é fornecida por Jean de Bronac. O autor destaca que Joana é, por sua vez, filha de Isabel, e ao conduzir o rei a Reims, assemelha-se a São João Batista (filho de Santa Isabel), o precursor de Nosso Senhor (cf. "17 juillet 1429", em *Cahiers de Chiré*, n° 2, 1987, pp. 75-79)

imaginar, tendo em vista de que o regimento divino de Joana não era mais levado em consideração.

Um borguinhão, Jorge Chastelain, revela que:

no momento em que Joana caiu do cavalo, um homem do exército, o Bastardo de Vendôme, corre em sua direção e apresentou-se de tal forma que ela confiou neste. E ele, mais feliz do que se tivesse um rei nas mãos, levantou-a rapidamente para Margny, onde a manteve prisioneira até o término de sua incumbência.³⁰

Esse fato que tem como máscara uma gentileza de cuidado dos ferimentos que Joana teve após cair no cavalo, forma na verdade o início de seu martírio que durou por pouco mais de um ano. Ela foi conduzida pelo cavaleiro Leonel de Vendôme, tenente de João de Luxemburgo, ao acampamento borguinhão, iniciando a transferência de prisão em prisão: do castelo de Luxemburgo às celas dos borguinhões, para ser posteriormente vendida ao poder inglês e entregue ao tribunal inquisitorial, sob a acusação de “herege e bruxa”.

Ao ser encaminhada para a condenação, Joana é julgada pelo tribunal inglês. Levando em consideração que sua captura se deu através do inimigo, não seria lógico que ela fosse julgada pela França e com isso, provar a sua inocência era muito mais difícil, pois ainda que tivesse apoio de alguns franceses, muitos que estavam ao lado do Rei Carlos já tinham deixado de acreditar na Pucelle há muitas derrotas atrás. A condenação da Donzela de Orleans, deu-se a partir de como o processo de inquisição foi realizado. Muitos ingleses pensavam fielmente que ela era enviada do demônio, e uma de suas justificativas eram os estudos de Pedro Cauchon, um diplomata que se destacou firmemente no direito canônico e na sua aliança contra os *armagnacs*.

Com a prisão de Joana, Cauchon poderia voltar a usufruir dos direitos como um nobre intelectual, e não precisaria justificar a ameaça feminina que a Donzela representava. Assim, a postura de Cauchon foi a de espalhar em conselhos reais, de que “a prisioneira era um instrumento do Diabo, e Carlos, conseqüentemente, era nada mais que um impostor ilegítimamente coroado pela feiticeira – Henrique VI é que era o verdadeiro rei da França e da Inglaterra”³¹.

³⁰ Processo de Reabilitação, testemunho de Jorge Chastelain, em Pe. O. Rioult, *op.cit.*, p. 333

³¹ SEQUEIROS, Marie. *Joana d'Arc rainha, virgem e mártir*. 1º ed. Dois Irmãos, Minha biblioteca Católica, 2023.

Não obstante, a escolha de Cauchon deve ser retratada firmemente para melhor entender a construção mitológica de feitiçaria sobre Joana d'Arc. A escolha pode ser transcrita em: Padre João de Estiver como promotor da causa ou procurador-geral; Padre João Lemaitre; Padre João de la Fontaine; Padre Guilherme Manchon (o principal); Padre Guilherme Colles; Padre Nicolau Taquel e Padre João Massieu, um sacerdote de Rouen que desempenhava papel de guardião da prisioneira, sendo responsável por levá-la de sua cela ao tribunal quando fosse necessário. Dentro desse contexto, fica marcado então, a presença de inúmeros padres que possuíam em seu dia a dia, o título de especialização em direito canônico ou civil, ou ainda de doutores em teologia. Embora fossem letrados, estudiosos e as peças chaves para esse jogo no tribunal, deixavam de acreditar na primazia da fé cristã: o agir de Deus através dos outros.

Como abordado anteriormente nesta pesquisa, o caso de Joana não foi somente religioso, mas em sua grande parte, político. Sobre isso, o Coronel Boulanger se encarregou de realizar um trabalho meticuloso que analisava o dia a dia do livro de contabilidade de Sir Tomás Blount, tesoureiro inglês e encarregado geral das finanças da Normandia³², colocando em questão que a prisão de Joana era muito mais que um ganho social da época, era prender a “promessa francesa”, a menina que o povo já conhecia e que já tinha conquistado uma popularidade sem precisar de grandes obras.

A condenação mostra ser mais uma vez contrária ao que se analisa a quantidade de juízes e conselheiros contra uma única jovem sem advogado ou conselheiros que pudessem defendê-la. Sobre isso, escreve Thomas de Quincy³³: “nunca desde a criação do mundo, houve um processo como este, se observado em toda a perfeição da defesa e em todo o horror diabólico da acusação”. Isso tudo fez com que o processo de Joana fosse mais um alvo de mentiras.

Em processos legais, é comum que se busque por testemunhos favoráveis, o que em até determinado momento ocorreu; porém, ao chegar para o júri os testemunhos positivos à favor da Donzela, o bispo acabou por substituir esses documentos pelo Relatório de

³² Col. Ch. Boulanger, *op.cit.*, p.107. O autor cita como grandes beneficiários do tesouro inglês: os magistrados Tomás de Courcelles, João Lemaitre, João Beaupère, Touraine, Midy, Pedro Maurício, o pregador Enardo, além de Massieu (embora estivesse envolvido em um caso de corrupção), e outros. Todos recebem a soma de vinte *sols* por dia. Boulanger mostra inclusive os pagamentos que o rei da Inglaterra faz aos citados acima “por suas férias durante o processo” (p.51).

³³ Escritor, ensaísta e crítico literário inglês (1785-1859), conhecido por sua obra *Confissões de um opiómano inglês*. (N.E.)

Manchon, um relatório falso, escrito a pedido do prelado pelo notário principal do processo, que precisou forjá-lo para possibilitar aos juízes a abertura de um processo inquisitorial, uma vez que não havia razão para levá-la a julgamento com o que tinha sido recolhido nos seus testemunhos positivos. Esse relatório constitui a primeira grande prevaricação do processo, declarando que havia “matéria suficiente para citar e intimar esta mulher em uma causa de fé”³⁴. Ao que pode transcrever, com o passar do processo inquisitorial de Joana, as respostas da Donzela são ainda mais sábias e diretas quando relacionada às vozes que ouvira, como podemos observar no seguinte diálogo:

Cauchon: “De que forma São Miguel apareceu a ti?”

Joana: “Não vi uma coroa nele; e quanto às roupas, não sei de nada.”

Cauchon: “Ele estava nu?”

Joana: “Pensas que Deus não tem com o que vesti-lo?”

Cauchon: “Ele tinha cabelo?”

Joana: “Por que ele deveria tê-lo cortado?”³⁵

As respostas que Joana proferia em sua grande maioria, eram consideradas como uma rebeldia por serem respostas diretas em que não houvesse alguma formalidade ao falar com bispos ou juízes, além de não medir esforços para falar a verdade, desmascarando qualquer armadilha que pudesse ser colocada.

Nesse contexto, a Donzela acaba sendo cada vez mais alvo de motivos que seriam utilizados como ponto principal para o futuro da queima na fogueira. Por mais que a Igreja daquela época proferisse palavras do Evangelho, dentro do tribunal a vontade verdadeira era a de condenar Joana ou de deixá-la como prisioneira perpétua, como meio de redenção por ter ferido à Deus, à Igreja militante e ter usado do santo nome divino para bens próprios e pessoais. Pouco importava para o tribunal se ela tinha realizado algum ato de espontânea ou forçadamente, pois a questão de levá-la a morte já estava decidida entre eles, mas ainda era necessário mais meios que pudesse incriminá-la por total, sem deixar nenhuma brecha para a absolvição de seus pecados e processos contra a lei.

Entre as tantas razões que o júri procurava para culpá-la, todos voltavam para o mesmo motivo: feitiçaria, bruxaria e o uso de roupas masculinas. Mesmo que citado anteriormente e tirado da hipótese no primeiro julgamento o uso de roupas do sexo oposto, esse foi um dos motivos mais fortes que não poderia mais ser descartado. Na tarde de 24 de maio, dois padres enviados pelo bispo, Loiseleur e Maurício, aparecem para visitar a jovem

³⁴ *Ibid.*, p.206.

³⁵ Processo de Condenação, em R. Brasillach, *op.cit.*, p.69

com olhares de piedade, implorando- a para que usasse roupas femininas, pois se continuasse a negar o uso dessas roupas, iria para a fogueira.

Além disso, usavam e abusavam de privilégios religiosos que tocavam sentimentalmente a Donzela, como uma promessa em que “seria colocada em uma prisão da Igreja, poderia ir à Missa e receber seu Salvador [na santa comunhão]”³⁶. Enganada mais uma vez, Joana sofre o que é denominado de Reincidência³⁷. Isso porque, a Donzela aceita voltar a usar um vestido feminino confiando nas promessas que os padres haviam feito. Mas momentos depois, sofre outro ataque documentado³⁸ por João Massieu, em que narra o fato de guardas aparecem na cela de Joana, arrancarem-lhe o vestido e deixarem em sua cama roupas masculinas, o que torna claro aquela ser a única opção de vestimenta.

Esse vai e vem histórico das roupas da Donzela, transmitem vários furos no processo inquisitorial, o que permite assim, com que fique mais fácil documentar de forma influente alguns textos do processo, tendo em vista de que hora ela aparecia com vestimentas masculinas, hora com feminina... podendo ser considerada então, como uma jovem desequilibrada e mentirosa, pois não sustentava o que dizia na frente dos juízes e principalmente, que prometia diante a sagrada escritura e autoridades da Igreja, instituição máxima da Idade Média, (o que documentado nesta pesquisa, foi provado que não).

Cauchon, um de seus inimigos morais mais fortes, ao ver a Donzela vestida novamente com roupas de homem começa a gritar fingindo estar surpreso com a situação que ele mesmo armara, “Reincidente! Reincidente!”³⁹. Assim, com esse “ato” reincidente da Donzela, já estava mais do que confirmado que ela poderia, finalmente, ser queimada na fogueira como os júris desejavam sem que pudesse procurar por defesa, pois esse fato era algo inegável. Ademais, o depoimento de Isimbardo de La Pierre, denota com clareza sobre a maldade em que Joana era julgava: “e quando estava novamente vestida [com roupas masculinas], vi e ouvi o bispo, que pulava de alegria e gritava na frente de todos, dizer aos ingleses e aos outros: ‘Está pronto!’”⁴⁰.

³⁶ Processo de Reabilitação, testemunho de Nicolau Loisleur, em Col, Ch. Boulanger, *op.cit.*, p.36. De fato, o processo verbal de 28 de maio mostrará Joana recordando essas promessas, que foram totalmente omitidas na ata da sessão de 24 de maio.

³⁷ A reincidência é o ato de cometer uma infração, crime ou delito novamente após já ter sido condenado por algo semelhante anteriormente. Em direito penal, é um fator agravante na pena e pode receber uma punição mais severa devido ao histórico de repetição da prática criminosa.

³⁸ Em Processo de Reabilitação, testemunho de João Massieu, e R. Pernoud, *op.cit.* (1953), p.231.

³⁹ Col.Ch. Boulanger, *op. cit.*, p .35.

⁴⁰ Processo de Reabilitação, testemunho de Isembardo de La Pierre, em Pe. O.Rioutl, *op.cit.*, p.390.

A SARÇA QUE NÃO SE APAGA

Em 29 de maio de 1431, Joana caminha forçadamente para sua páscoa. Mais uma vez, o processo demonstra através do bispo que:

Joana, que depois da solene pregação e das advertências que lhe foram feitas, havia se arrependido repudiando seus erros e assinando a abjuração com sua própria mão (...) não obstante, por instigação do Diabo passou a dizer que suas vozes e espíritos voltaram para ela e, rejeitando as roupas de mulher, tonou a vestir roupas masculinas.⁴¹

Além dessa citação, Nicolau de Venderès, outro bispo, comunica que “Joana deve ser considerada herege e sem demora entregue ao braço secular”⁴² entre diversos outros testemunhos que levam a Donzela sem mais demoras, a fogueira.

Courcelles e Isimbardo acrescentaram: “Que a dita mulher seja mais uma vez caridosamente exortada, para a salvação de sua alma, e que ela seja advertida de que não tem mais nada a esperar da vida temporal”⁴³ e o texto do processo continua a dizer que “ouvindo a opinião de cada um, nós, juízes, imediatamente concluímos que é necessário proceder contra a dita Joana, visto que é reincidente, de acordo com a lei”⁴⁴. Sendo assim, através da lei e pela lei, a Donzela estava definitivamente posta à fogueira.

Eis que na manhã de quinta-feira, 30 de maio de 1431, Joana foi levada à Praça do Mercado Velho para ser queimada viva, respondendo à última tentativa feita por Cauchon para obter sua abjuração em público, diante do fogo e de toda a multidão, com a reafirmação de sua inocência⁴⁵. Sendo levada para o fogo de maneira humilhante, Joana deixa a terra francesa ainda clamando por piedade e sendo uma verdadeira Donzela.

A jovem humildemente pede perdão e de modo heroico, perdoa os juízes que a condenaram. Ao realizar tal ato em praça pública, o silêncio se torna ensurdecedor. Na tentativa de fazer com que o povo não se revoltasse contra o bispo e a Igreja, Chauchon começa a leitura da sentença que considerava Joana como um membro podre que contaminava os outros, devendo ser expulsa do corpo da Igreja. Assim, um membro do

⁴¹ Processo de Condenação, em R. Pernoud, *op.cit.* (1962) , p.265

⁴² Processo de Reabilitação, testemunho de Nicolau de Venderès, em R. Pernoud, *op.cit.* (1962), p.256.

⁴³ Processo de Condenação, em Col. Ch. Boulanger, *op. cit.*, p.42.

⁴⁴ Processo de Condenação, em R. Pernoud, *op.cit.*, (1962), p.266.

⁴⁵ Cf. Col. Ch. Boulangee, *op. cit.*, p.38.

tribunal se aproxima e lê a seguinte inscrição, com dois demônios desenhados na lateral: “Herege – Relapsa – Apóstata – Idólatra”⁴⁶ e ainda caso alguém não conseguisse ler, havia também uma placa em frente à fogueira que proferia palavras de baixo teor sobre a Donzela.

A história de Joana d’Arc começa a ter tons divinos mais aparentes a partir de sua morte de fogo. Quando as chamas se apagaram e o espírito deixou seu corpo, muitos narram ter visto uma pomba branca sobrevoando o exato momento⁴⁷, além de um milagre ainda maior ter ocorrido: João Massieu narra ter ouvido de João Fleury, clérigo administrador de Rouen e tabelião, que:

o carrasco teria lhe informado que, tendo o corpo sido inteiramente queimado no fogo e reduzido a cinzas, o coração permanecia intacto e cheio de sangue; e ordenaram-lhe que juntasse o coração às suas cinzas, com tudo que restava dela, e jogasse tudo no rio Sena, o que foi feito.⁴⁸

Um desses feitos que comprovam a veracidade divina de Joana, é que mesmo sabendo disso tudo que ocorrera e das cinzas com o coração incorrupto, um cardeal da Inglaterra que estava presidindo a execução, ordenou que além de jogar o coração dela no Rio Sena, certificasse que não existisse mais nada da Pucelle, para que as pessoas não fizessem relíquias ou construíssem altares em homenagem à libertadora da França⁴⁹.

Essa ideia de que talvez Joana fosse digna de prestar culto, realmente assustava os juízes, trazendo uma noção de que sendo adorada pelo povo, o ódio pelas autoridades que a levaram para o fogo, só iria aumentar e causar desastres no reino tanto francês quanto inglês. Além disso, a popularização de Joana como santa e inocente, deve-se principalmente aos historiadores e as documentações encontradas após sua morte. Sobre isso, Christine de Pizan, uma das primeiras escritoras feministas francesas, exaltou Joana em seu poema "Ditié de Jehanne d'Arc", escrito ainda durante a vida da heroína, retratando-a como uma enviada de Deus destinada a salvar a França. Esse poema estabeleceu uma base para o reconhecimento de Joana como heroína e santa (Arden, 2003).

No século XIX, historiadores como Jules Michelet que foi anteriormente nesta pesquisa, contribuíram significativamente para o romantismo em torno de Joana. Em sua

⁴⁶ Processo de Condenação, em R. Pernoud, *op.cit.* (1962), p.283.

⁴⁷ Processo de Reabilitação, testemunho de Isembardo de La Pierre, em R. Pernoud. *Op. cit.*,(1994) p.8.

⁴⁸ Processo de Reabilitação, testemunho de João Massieu, em R. Pernoud, *op. cit.* (1962), p.277.

⁴⁹ Pedro Cusquel também o afirma: “Porque temiam que ela fugisse, ou que alguém acreditasse que ela tinha fugido” (Em R. Pernoud, *op.cit.*, [1962], pp. 275-276)

obra "Histoire de France," Michelet exaltou o patriotismo e a pureza da jovem, idealizando-a como a encarnação do espírito nacional francês.

O historiador suíço Sismonde de Sismondi, em sua obra “Histoire des Français” (1821-1844), discute Joana d’Arc como uma figura heroica, simbolizando o fervor popular e o misticismo, e atribui seu sucesso ao entusiasmo que ela inspirava nas pessoas e à fé que ela nutria nas visões divinas, que foram interpretadas como a orientação de Deus para suas ações militares e políticas. Isso é descrito detalhadamente no estudo de sua biografia e no contexto histórico da França.

Para somar mais ainda, a historiadora Susan Crane em sua análise do papel de Joana d’Arc, examina como a figura de Joana rompeu com as normas de gênero de sua época. Em sua obra "Vestuário e Definição de Gênero: Joana d’Arc", Crane observa como a jovem desafiou as expectativas sobre o comportamento das mulheres, assumindo papéis de liderança militar e religiosa em uma sociedade patriarcal.

Isso contribuiu para a construção de um mito de uma mulher transgressora e empoderada, que ainda influencia a visão contemporânea sobre ela, tanto como heroína quanto como um ícone cultural de resistência e força feminina. Essas análises mostram como diferentes aspectos de sua vida e seu papel histórico foram interpretados e utilizados ao longo do tempo para construir sua imagem como uma figura multifacetada — uma heroína militar, uma santa e uma mulher que desafiou as normas de sua época.

Todo esse mito e construção por detrás da Donzela, fez com que a Igreja Católica fosse cada vez mais pressionada a reanalisar o processo assim que Joana foi morta. 20 anos depois, em 15 de fevereiro de 1450, Carlos VII decidiu abrir uma nova investigação que pudesse analisar melhor e sem contratempos, a morte justa ou injusta da pucelle. Pela ordem da lei, a sentença que fora dada pela inquisição precisava ser reexaminada por outro tribunal eclesiástico; sendo assim, Guilherme Bouillè⁵⁰, em suas análises deixa claro que o processo de condenação não havia sido realizado de acordo com a lei.

Nesse âmbito, o inquisidor cita que “os setes testemunhos eram suficientes para ser considerado nulo em qualquer aspecto”⁵¹, além disso, o relatório da abjuração que foi realizado por Cauchon anteriormente, foi confirmado legalmente como um fato do processo

⁵⁰ Inquisitor e cónego da Catedral de Noyon.

⁵¹ Em R. Pernoud, *op.cit.* (1953), p.11., Carta oficial, datada de 15 de fevereiro de 1449.

de Joana, o que fez com que as lendas negativas contra a Pucelle só aumentassem devido a mentiras que publicara. Em outros pontos, esse mesmo relatório de Cauchon declarava que as autoridades eclesíásticas, teriam sido puramente enganados por Joana⁵²- isto é, que eles não eram culpados mas sim, vítimas dos feitiços da Pucelle, por isso uma justificativa ainda maior para poder levá-la para a fogueira. E pela lógica, com esse primeiro processo ter sido colocado como ilegal, essa afirmação de Cauchon também era derrubado de cena.

CANONIZAÇÃO, INOCÊNCIA E SANTIDADE

Partindo para o início da vida como Santa, Joana d'Arc começa a ser pensada oficialmente como uma virgem especial da Igreja, a partir de 1840. O Padre Charles- Émile Freppel, cita dois elogios que fazem com que a história da Pucelle mudasse os ares do ódio, para o da salvação. Um dos elogios encontrados na íntegra revelam sobre os milagres de Joana, ao dizer que:

Ora, sua própria vida pública é um milagre permanente! Não tenho poder de resolver a questão, nem mesmo de levá-la e levantá-la perante os poderes da Igreja, mas se meu discurso pudesse servir de pontapé inicial, para que ao menos nossos filhos assistissem a canonização... Ah, como eu me regozijaria.⁵³

A escolha dessa citação não é à toa, foi a partir dela que muitos jornalistas começaram a reproduzir esse elogio à Donzela, fazendo com que a população tivesse acesso a essa informação, o que possibilitou ainda mais o processo de torná-la santa.

Dois anos depois do elogio que Frappel havia realizado, o bispo Dom Dupanloup convoca vários religiosos para uma festa em memória de Joana d'Arc, que já era venerada naquele tempo devido a alguns milagres de conversão que foram realizados através dela. A festa ocorreu no dia 8 de maio de 1869, marcando um pedido inédito. Nessa convocação que Dupanloup realizara e com o apoio de outros bispos presentes, o sentido era pedir para que as pessoas pudessem assinar uma petição para ser enviada para Roma, na intenção de finalmente santificar a Pucelle, fato que foi enviado para o então Papa Pio IX, pontífice de Roma e que era responsável por dar esse aval.

Como era costume em uma sociedade em que as notícias circulavam de uma maneira diferente, a espera de 5 anos parecia ter sido uma eternidade, mas no que chamamos de

⁵² Em Cel. Ch. Boulanger, *op.cit.*, p.55.

⁵³ Panegírico na Catedral da Santa Cruz de Orleans, 8 de maio de 1867.

Kairós, tempo de Deus, tudo aconteceu como deveria acontecer. Em 27 de janeiro de 1894, o Papa Leão XIII introduziu o processo de beatificação de Joana, após ter estudado sobre os documentos que recebeu e analisado os testemunhos de curas inexplicáveis que foram atribuídas a Joana, sendo por exemplo, a recuperação de saúde rapidamente depois de uma grave flecha que a atingiu no ombro durante o cerco de Orléans, como justificativa de que a cura rápida teria sido vista como um sinal divino, pois a lesão poderia ter sido fatal para qualquer outra pessoa, e sua rápida recuperação permitiu que ela voltasse logo ao campo de batalha, inspirando as tropas.

Além disso, foram citadas também suas vitórias militares que foram frequentemente interpretadas como milagrosas, especialmente porque ela era uma jovem sem experiência militar formal. Por exemplo, conforme Larissa Juliet Taylor (2006) a vitória em Orléans foi vista como um evento miraculoso, pois as forças francesas estavam em desvantagem e a cidade estava à beira de sucumbir ao cerco inglês, outro fato importante foi o principal ponto para que Joana fosse e ainda seja considerado toda a beleza e esplendor divino, sendo assim, as suas visões e previsões.

A Pucelle diversas vezes afirmou ter visões de santos como Catarina de Alexandria e São Miguel Arcanjo, que a instruíam a liberar a França do domínio inglês. Suas previsões, como a libertação de Orléans e a coroação de Carlos VII, se concretizaram, e isso foi considerado prova de sua conexão divina. Conforme Régine Pernoud (1999), a realeza francesa e o povo viam essas realizações como milagres guiados por Deus. Dessa maneira, esses eventos foram importantes na construção do mito de Joana d'Arc como uma figura sagrada e justificaram sua posterior canonização pela Igreja Católica, que mesmo após mais de séculos de sua morte, não hesitou em procurar uma nova forma de mudar a história da Donzela que de odiada por essa mesma igreja, passou a ser amada pelo povo fiel.

No que podemos avançar historicamente, o processo de santificação pedido pelo povo e analisado pela Igreja, é um processo longo. Por isso, a divisão é dada em: Venerável, Beata e Santa. Sobre o ato de veneração, tem-se que em 1895 um incidente judicial tecnicamente chamado de "processo de culto", foi iniciado. Todos os anos, no dia 8 de maio, uma estátua de Joana d'Arc, situada na Praça Mar-troi, em Orleans, era iluminada com uma auréola azul, e que esse gesto denotava de uma certa maneira, um culto de veneração a Joana como santa antes que a Igreja o prescrevesse. Entretanto, Dom Touchet comprovou que se tratava de um costume geral, praticado pelo povo a partir de um senso patriótico e

não religioso. Assim, o incidente foi encerrado em favor de Pucelle, deixando claro que a aclamação popular não havia instituído um culto público à sua pessoa, mas sim um reconhecimento histórico pela libertação da cidade.

No segundo momento, o caminho que as autoridades romanas deveriam seguir, era o de examinar o heroísmo de Joana, isto é, se ela havia praticado em grau heróico as virtudes teologais da fé, esperança e caridade, e as virtudes morais da fortaleza, prudência, temperança e justiça, assim como sua humildade e virgindade. Esta avaliação normalmente começa com a exumação do corpo e o reconhecimento oficial das relíquias, mas neste caso nem cinzas restavam; como não havia nada para avaliar, passou-se à etapa seguinte.

Em 1897, Dom Touchet teve a honra de presidir a corte que estudaria suas virtudes, apesar do árduo cuidado que se demandava. Tanto para a investigação histórica quanto dos milagres, foram convocadas mais de cinquenta testemunhas, entre as quais os principais especialistas em Joana d'Arc da época. Para concluir o processo de investigação, o tribunal precisou realizar 122 sessões, em 1897. Todo esse trabalho resultou em um relatório de três mil páginas, em 17 volumes, que o bispo de Orleans levou pessoalmente ao Papa Leão XIII.

Finalizada a etapa de investigação, o processo preparatório para a causa foi exaustivamente analisado e discutido em Roma, e em 17 de dezembro de 1901, em sessão solene, as virtudes heróicas de Joana foram discutidas com muito entusiasmo, figurado na maravilhosa declaração do advogado Minetti, que a chamou de "a minha queridíssima Pucelle". A votação dos consultores resultou na aprovação unânime ao avanço da causa em curso ordinário.

Por fim, a terceira e última sessão desta etapa preparatória aconteceria diante do Santo Padre em 14 de julho, data deliberadamente escolhida por Leão XIII. Pouco depois, a Santa Sé pôde começar a analisar os dois milagres canonicamente exigidos atribuídos à intercessão da "venerável". Deve-se notar que Dom Touchet apresentou à verificação dos médicos e peritos três curas milagrosas, ocorridas em diferentes dioceses: Orleans, Évreux e Arras.

O primeiro milagre apresentado foi a cura milagrosa de uma freira beneditina de Orleans, Irmã Teresa de Santo Agostinho, em 1900. Narra a irmã que depois de anos sofrendo de úlcera estomacal, já desenganada pelos médicos e moribunda, iniciou uma

novena a Joana d'Arc, implorando sua intercessão. No último dia da novena, ao recitar a oração à venerável depois de receber os últimos sacramentos, ergueu-se de súbito, dirigiu-se à Missa e depois foi tratar de assuntos cotidianos. Sua cura foi repentina, completa e permanente.

O segundo milagre ocorreu na pequena aldeia de Faverolles, diocese de Évreux, em 1893. Irmã Julie Gauthier de Saint-Norbert, da Congregação da Divina Providência, desde os dez anos de idade sofria de uma intratável e erosiva úlcera no seio direito. Após quinze anos de profundo sofrimento, já não tinha esperança humana de cura. Como uma grande demonstração de fé, dirigiu-se à igreja, apoiada por oito noviças, para implorar das mãos de Joana d'Arc a cura. No mesmo instante, sentiu-se completamente curada, e de fato estava, para grande espanto de todos os presentes.

O terceiro milagre necessário para análise, aconteceu em 1891 na pequena cidade de Fruges, diocese de Arras, em favor de outra freira, Irmã Jean-Marie Sagnier, da Congregação da Sagrada Família. Durante três anos, a religiosa sofrera de dores intoleráveis nas pernas, onde tinha úlceras e abscessos, sequelas de uma tuberculose crônica. Ao invocar a Venerável Joana em uma novena, já no quinto dia a doença foi repentina e perfeitamente curada.

Diante desses fatos inegáveis, a conclusão da Congregação dos Ritos foi favorável à Pucelle, reconhecendo sua intervenção milagrosa em curas inesperadas, perfeitas e duradouras, todas cientificamente comprovadas.

No quesito de BEATIFICAÇÃO, sendo o segundo processo de canonização da Igreja Católica, Papa Pio X assinou em 21 de janeiro de 1909, o decreto da beatificação de Joana d'Arc. A tão esperada beatificação foi celebrada no dia 18 de abril, em Roma, numa cerimônia grandiosa que contou com a presença de vários cardeais e bispos franceses, especialmente os três comprometidos com a causa de Joana⁵⁴, de superiores de várias congregações religiosas, numerosos membros do Parlamento francês, funcionários e magistrados. Naquela festa, o pontífice Pio X recordou que os interesses da França estavam indissolúvelmente ligados aos da Igreja, e declarou beata a "venerável serva de Deus, Joana d'Arc, virgem, chamada a Donzela de Orleans" Com este título, passava a ser permitido

⁵⁴ Cardeal Luçon, arcebispo de Reims; Dom Foucault, bispo de Saint- Dié; e Cardeal Touchet, bispo de Orleans.

representar a heroína e de continuar sem demora, a santificação. Finalmente, em 1920, Joana é declarada Santa!

A santificação da Pucelle se mostrou ser muito bem aceita pelos eclesiásticos e também por uma parte social. O ex ministro das relações com o estrangeiro, Gabriel Hanotaux, exclama que “É um milagre que se deve aceitar! Que uma garota de 17 anos, saída de sua aldeia, tenha salvado a França do maior perigo que já conheceu”⁵⁵. Realmente, santificar Joana d’Arc era muito mais do que apenas ganhar mais uma santa para a Igreja, mas era também, identificar no coração das jovens francesas e espalhadas pelo mundo todo, uma representação feminina de virgindade, coragem e força militar sem igual.

CONCLUSÃO

Desde os primórdios gregos, a tradição europeia já havia dislumbrado o caráter vicário dos “pastores dos homens” em relação à divindade, como destaca Dom Francisco de Quevedo y Villegas em uma obra explicitamente destinada a refutar as teses de Maquiavel, O Príncipe; “Os reis são vigários de Deus na Terra”⁵⁶. E talvez por esse mesmo motivo, Joana em vida tivera recebido tanto ódio assim. Sua trajetória mostrou a aproximação quase que impossível com o Delfim Carlos, além de ter ganhado muito mais do que homens e cavalos para guerrear, mas a confiança de uma tropa liderada por uma mulher, ser que dificilmente deixava as funções de dentro de casa ou do fiar, como era costume na França de 1400.

Depois de grandes caminhos percorridos nesta presente pesquisa, a receita de como Joana mudou de Bruxa para Santa, não é fácil. A análise foi muito mais profunda no que desrespeito às influências, a ganância e o ódio que a jovem sofrera. Incriminar uma mulher no século XXI não é uma tarefa árdua, mas incriminar uma menina no século XV, se torna quase que rotineiro. Por isso, as respostas encontradas se destacam na complexidade e na profundidade das mudanças sociais, culturais e religiosas que sustentaram essa reavaliação histórica no processo de Joana d’Arc.

Inicialmente, o julgamento de Joana refletiu os preconceitos de sua época, com acusações de bruxaria e heresia baseadas em seu comportamento fora das normas de gênero,

⁵⁵ Em Pe. O. Rioult, *op.cit.*, p.601.

⁵⁶ Francisco de Quevedo y Villegas, *Política de Dios y gobierno de Cristo*, em *Obras Completas*, Madri, Aguilar, [1626] 1961, t. I, p.621.

como o uso das roupas masculinas, que foi a principal razão para que sustentasse um júri tão duradouro, e por sua liderança militar inaceitável, tendo em vista de ser apenas uma humilde camponesa (fato que ela nunca negou). Ela foi julgada em um contexto de conflitos políticos e religiosos que visavam deslegitimar sua missão e enfraquecer o poder francês, tendo em vista de que o processo inquisitorial, fora feito por um júri majoritariamente inglês atribuindo seu sucesso não à intervenção divina, mas a práticas de feitiçaria. Contudo, ao longo dos anos, a narrativa em torno de Joana se transformou.

Após sua morte, o crescente reconhecimento de suas conquistas militares, a admiração popular e a luta por sua reabilitação levaram a uma revisão crítica de seu julgamento. Em 1456, seu processo foi revisto, e Joana foi oficialmente absolvida, sendo gradualmente reconhecida como uma mártir, venerável, beata e finalmente santa, uma figura de inspiração religiosa sem igual. No século XX, essa transformação culminou em sua canonização em 1920, um processo que refletiu não apenas uma reparação histórica, mas também uma mudança nos valores e percepções da própria Igreja sobre o papel das mulheres e a expressão de fé.

Assim, a passagem de Joana de "bruxa" para "santa" ilustra como os valores sociais e religiosos podem ser reinterpretados com o passar do tempo. Joana d'Arc tornou-se um símbolo duradouro de fé, coragem e resistência, sendo lembrada não apenas como uma líder militar, mas como um ícone espiritual que desafiou as convenções de sua época. Sua trajetória nos ensina sobre o impacto das construções sociais no julgamento de figuras históricas e reafirma a importância de uma análise crítica e contextual da história para evitar que preconceitos de uma época se perpetuem.

REFERÊNCIAS DIGITAIS:

BARSTOW, Anne Llewellyn. *Joan of Arc: Heretic, Mystic, Shaman*. Lewiston, NY: Edwin Mellen Press, 1986. Disponível em: [\[https://archive.org/details/joanofarcheret00bars\]](https://archive.org/details/joanofarcheret00bars)(<https://archive.org/details/joanofarcheret00bars>). Acesso em: 8 ago. 2024.

CRANE, Susan. *Clothing and Gender Definition: Joan of Arc*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996. Disponível em bibliotecas digitais e repositórios acadêmicos. Acesso em: 8 ago. 2024.

PERNOUD, Régine; CLIN, Marie-Véronique. *Joan of Arc: Her Story*. New York: St. Martin's Press, 1999. Disponível em: [\[https://archive.org/details/joanofarcherst00pern\]](https://archive.org/details/joanofarcherst00pern)(<https://archive.org/details/joanofarcherst00pern>). Acesso em: 10 ago. 2024.

TAYLOR, Larissa Juliet. *Joan of Arc: La Pucelle*. Manchester: Manchester University Press, 2006. Disponível em repositórios universitários e bibliotecas acadêmicas. Acesso em: 10 ago. 2024.

WARNER, Marina. *Joan of Arc: The Image of Female Heroism*. Berkeley: University of California Press, 1981. Disponível em: [\[https://archive.org/details/joanofarcimageof00warn\]](https://archive.org/details/joanofarcimageof00warn)(<https://archive.org/details/joanofarcimageof00warn>). Acesso em: 10 ago. 2024.

REFERÊNCIAS FÍSICAS OU SEM LINK:

VÁRIOS AUTORES. *Jeanne XX Siècle*. Com a colaboração do Prof. Balace, de Mmes. Libert e Paoli e M. Béoutis, d'Hugues e Prévost. Paris: Le Centre d'Études Contemporaines, 2012.

VÁRIOS AUTORES. *Revue Jeanne d'Arc*, n. 1. Nancy: Bialec, 2010.

AMARAL, Flávia Aparecida. A ressignificação historiográfica da Pucelle. *Revista de Estudos Históricos*, v. 10, n. 2, p. 123-145, jul. 2023

AYROLES, Padre Jean-Batiste Joseph S. J. *La Vénérable Jeanne d'Arc, Prophétisée et Prophétesse*. Paris: Revue de Questions Historiques, 1906.

BAINVILLE, Jacques. *Histoire de France*. Barcelona: Ed. Iberia, 1950.

BARBET, Pierre. *La Passion de Jésus-Christ selon le Chirurgien*. Paris: Dillen & Cie, 1950.

BEAUNE, Colette. *Jeanne d'Arc, Vérités et Légendes*. Paris: Perrin, 2008.

BOULANGER, Coronel Charles. *7 juillet 1456, Enterrement de l'affaire Jeanne d'Arc: Triomphe de l'Université de Paris*. Rouen: Mau-gard, 1956.

BRASILLACH, Robert. *Le Procès de Jeanne d'Arc*. Texto estabelecido e prefaciado por Robert Brasillach. Paris: Éd. de Paris, 1998.

CLAUSEL DE COUSSERGUES. *Du Sacre des Rois de France*. Paris: Adrien Ergon, 1825.

DE LA FRANQUERIE, Marquês André. *La Vierge Marie dans l'Histoire de France*. Montsûrs: Résiac, 1985.

QUEVEDO Y VILLEGAS, Francisco de. *Política de Dios y Gobierno de Cristo*. In: *Obras Completas*, T. I, *Obras en Prosa*. Madri: Aguilar, 1961.

FREPPPEL, Monsenhor Charles-Émile. *Panegírico na Catedral da Santa Cruz de Orleans*, 8 de maio de 1860 e 1867.

GUITTON, Jean. *Problème et Mystère de Jeanne d'Arc*. Paris: Librairie Arthème Fayard, 1961.

GUITTON, Jean. *Le Génie de Jeanne d'Arc*. Paris: Éditions de l'Emmanuel, 1988.

HELENA DE JESUS DAS PEQUENAS IRMÃS DO SAGRADO CORAÇÃO, Irmã. *Sainte Jeanne d'Arc, Vierge et Martyre*. Saint-Parres-lès-Vaudes: La Contre-Réforme Catholique, 2014.

LEÃO XIII. *Immortale Dei*. Roma: Typis Polyglottis Vaticanis, 1885.

LEÃO XIII. *Breve de 27 de Janeiro de 1894*.

MARTIN, Marie Madeleine. *Histoire de l'Unité Française*. Paris: Du Conquérant, 1949.

MARIE DE LA SAGESSE SEQUEIROS S.J.M, irmã. *Joana d'Arc, Rainha, Virgem e mártir*, Ed. Minha biblioteca católica, 2023.

ROUSSOT, Jean-Baptiste. *Les Deux Voix de Sainte Jeanne d'Arc: Sainte Catherine d'Alexandrie et Sainte Marguerite d'Antioche*. Montsûrs: Résiac, 2006.

SÃO PIO X. *Acta Apostolicae Sedis Commentarium Officiale*, ano 12, vol. XII. Roma: Typis Polyglottis Vaticanis, 1920.

SÃO PIO X. *Audiência Papal*, 6 de janeiro de 1904.

SÃO PIO X. *Cerimônia de Beatificação*. Roma: 18 de abril de 1909.

TOUCHET, Cardeal Stanislas-Xavier. *La Sainte de la Patrie*, t. II. Bouère: Dominique Martin Morin, 1992.

TRÉMOLET DE VILLERS, Jacques. *Jeanne d'Arc: Le Procès de Rouen (21 février - 30 mai 1431)*. Paris: Les Belles Lettres, 2016.

VIRION, Pierre. *Le Mystère de Jeanne d'Arc et la Politique des Nations*. Saint-Cénére: Téqui, 1995.